

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de lançamento do programa “Espaço e Sociedade”**

**São José dos Campos-SP, 13 de março de 2007**

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro Waldir Pires, ministro da Defesa,

Tenente-brigadeiro-do-ar comandante Saito, da Aeronáutica,

Deputado doutor Ubiali,

Meu caro Reginaldo dos Santos, reitor do Instituto Tecnológico da Aeronáutica,

Senhor Eduardo Cury, prefeito de São José dos Campos,

Meu caro Gilberto Câmara, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais,

Meu caro Sérgio Gaudenzi, presidente da Agência Espacial Brasileira,

Tenente-brigadeiro-do-ar Carlos Alberto Rolla, comandante do CTA,

Meus amigos cientistas,

Companheiros e companheiras,

Eu não vou ler o discurso porque é uma cópia fiel do discurso que o Sérgio Rezende leu aqui. Certamente, quem fez o meu fez o dele, ou ele fez o meu e tirou xerox para facilitar a vida dele.

Bem, eu acredito que a minha vontade de falar aqui é para falar um pouco do contraditório da grandeza de um instituto como este. Certamente, o Brasil poderia estar entre as grandes nações do mundo se nós, no momento histórico correto, tivéssemos feito as coisas que precisavam ser feitas no País. Nós não investimos na educação brasileira no tempo certo, fomos o último país sul-americano a ter uma universidade, nós não alfabetizamos o povo brasileiro no tempo certo, nós não fizemos a reforma agrária no tempo certo, e nós não fizemos a distribuição de renda que outros países fizeram, logo após a Segunda Guerra.

Portanto, na medida em que nós não fizemos as lições que outros fizeram, nós somos um país dividido entre gente que participa do Brasil de

ponta, do Brasil tecnológico, do Brasil avançado, como todos vocês participam, e, ao mesmo tempo, nós temos um País em que o estoque de pessoas que ficaram marginalizadas começa a causar preocupação e começa a causar incertezas na sociedade brasileira. O desafio que está colocado para nós, agora, depois de visitar o Inpe e provar que nós somos capazes de fazer isso, e mais que isso, é saber o que vai acontecer com o Brasil no dia 7 de setembro de 2022, quando nós estaremos completando 200 anos de Independência.

Possivelmente nós devêssemos assumir um compromisso, e o governo pode assumir menos compromissos, porque o governo tem mandato com prazo determinado, portanto, eu só posso falar, no máximo, até 2010. Mas era preciso que a sociedade brasileira assumisse alguns compromissos, para que nós não ficássemos transferindo responsabilidade a quem quer que seja. O resultado que nós temos hoje, de coisas extraordinárias que eu tenho visitado no Brasil, é uma conquista de todos nós. Mas, às vezes, as coisas que não dão certo de pronto, nós carimbamos um responsável, tiramos o corpo fora e fica por conta de alguém que nós queremos responsabilizar.

Num evento como este, num instituto como este e, sobretudo, no espaço geográfico do ITA, eu fico me perguntando se não está na hora da nossa consciência assumir um compromisso, com este País, um pouco mais além da nossa própria sobrevivência enquanto seres humanos e enquanto pesquisadores.

O Brasil, durante períodos extraordinários, e nós tivemos momentos excepcionais de crescimento na economia brasileira, como por exemplo, no governo Juscelino Kubitschek, em que a economia brasileira teve um crescimento médio de 7% ao ano, a inflação era de 23% e o salário mínimo não cresceu. No “milagre brasileiro”, de 1968 a 1973, a economia brasileira, em 73, chegou a crescer 14% ao ano, entretanto, o salário mínimo decresceu 3,4%. Ou seja, durante muitas décadas o Brasil não combinou as oportunidades que teve – porque durante 50 anos foi um dos países que mais cresceram no mundo – de aproveitar esse crescimento para permitir que houvesse uma certa igualdade de oportunidades, no conjunto da sociedade.

O resultado de tudo isso é que nós temos um estoque de gente que ficou fora e temos um estoque de pessoas que nós não podemos mais deixar fora disso. Eu vou dar um exemplo para vocês. Hoje nós temos 30% das

meninas, entre 15 e 17 anos, que estão fora da escola, e estão fora da escola porque já têm filhos. Se vocês virem a cara dos jovens que estão presos nos presídios brasileiros vocês vão perceber, pela fisionomia deles, que são jovens que em 1980, ou não tinham nascido, ou eram crianças. Portanto, são resultado de modelos econômicos perversos, que não levaram em conta que a distribuição de renda é condição fundamental para que a gente eleve o padrão e a qualidade das pessoas que moram num país. O que acontece hoje? Nós temos, praticamente, 2 milhões e 400 mil jovens, se você quiser pegar de 15 a 24 anos de idade, que são pessoas que ou não completaram o segundo grau, ou desistiram da escola antes de completar o 2º grau.

Então, nós temos dois desafios. De um lado, criar as condições para que esses jovens voltem à escola, voltem a estudar. E, se o Prefeito de São José dos Campos... porque é uma coisa que não poderemos fazer sem os prefeitos, se eles não mapearem, em cada cidade deste País, os jovens em idade escolar que estão fora da escola, e se não criarmos uma motivação para trazê-los de volta à escola, nós estaremos contribuindo para que o crime organizado seja uma oferta extraordinária para a demanda de tantos jovens deserdados e sem esperança, deserdados pela economia, deserdados pelas políticas sociais.

Eu acho absurdo quando eu vejo na televisão alguém querer discutir a diminuição da maioridade penal, achando que é o seguinte: hoje nós punimos com 18, vamos baixar para 17, para 16, para 15, para 14, para 10, para nove. Daqui a pouco, vão punir a idéia de ter um filho. E ninguém pensa como discutir a punição daqueles que, durante séculos, foram responsáveis por essa geração que está deserdada. Além dessa geração deserdada, nós temos a escola, no ensino fundamental, que todas as pesquisas que temos feito demonstram que ela precisa ser aprimorada.

Vocês sabem que no Brasil se fazia uma investigação, na 4ª série e na 8ª série, com apenas 290 mil alunos. Nós, no ano passado, resolvemos fazer em todas as escolas públicas brasileiras, da 8ª e da 4ª séries, e atingimos 2 milhões e 700 mil jovens estudantes, para chegar à conclusão de que numa mesma cidade, talvez aqui em São José dos Campos, a gente tenha uma escola pública de qualidade 8 e tenha, a dois quilômetros de distância, uma escola pública de qualidade 3.

Bem, isso nos leva à seguinte preocupação: se nós levarmos em conta o discurso feito pelo Sérgio Rezende, feito pelo Gilberto; se levarmos em consideração que precisamos aumentar o investimento em pesquisas e na formação de doutores, e criar condições para que o Brasil se defina como um grande exportador de inteligência, de valor agregado e de conhecimento científico, nós precisamos saber também que é preciso arrebanhar essa meninada que está estudando e que hoje, pelos números que tem, com poucas perspectivas, se nós não fizermos uma revolução.

Nós estamos agora, com o ministro Fernando Haddad, preparando uma grande discussão sobre educação. Nós queremos apresentar uma grande proposta, são 42 pontos de mudanças, sobretudo na área do ensino fundamental, para ver se a gente volta a dar ao ensino fundamental a qualidade que nós já tivemos.

Os grandes intelectuais brasileiros foram formados em escola pública no ensino fundamental. Hoje as possibilidades são menores porque caiu a qualidade, porque caiu o salário, porque caiu a condição de vida da sociedade. Então, o desafio que está colocado para nós é uma combinação entre o prato e a vontade de comer. Na medida em que nós precisamos continuar investindo em pesquisas, acreditando em nossos cientistas e criando, cada vez mais, condições para eles poderem produzir, nós precisamos criar condições para que aqueles que estão no ensino fundamental venham a ser cientistas tão importantes quanto estes cientistas que nós estamos elogiando hoje.

Se nós não resolvermos esse problema... Possivelmente, por não ter uma grande quantidade de anos de escolaridade, eu nem sempre tenho razão no que falo. Mas o dado concreto é que eu não consigo conceber a idéia de uma criança entrar na escola hoje e só ser avaliada depois de quatro anos, sem que ninguém investigue se essa criança está aprendendo a cada mês. É preciso ter um critério de avaliação. Se eu sou um professor, entro na sala de aula e dou uma aula hoje, outra amanhã, outra segunda, outra sexta, um mês, um ano, quatro anos, em algum momento eu tenho que perguntar: espera aí, será que essa criança está aprendendo o que eu estou ensinando? Se eu ensino uma vez e a pessoa não aprende, se eu ensino duas vezes e ela não aprende, na terceira, se ela não aprender, sou eu que preciso aprender, não é mais a criança.

Nós também estamos com um trabalho, com a Universidade Aberta, para tentar reciclar todos os professores brasileiros, porque é preciso que a gente atualize, que dê oportunidades de eles fazerem também a sua formação universitária, para que a gente possa, quem sabe, não ter apenas um instituto como este, mas ter algumas dezenas de institutos como este. Se apenas com um nós já somos tão importantes no mundo, imagine com três, imagine com quatro, imagine com cinco?

Nós temos um outro problema no Brasil, que eu acho que nós temos que superar neste segundo mandato. Nós começamos o segundo mandato superando a idéia do crescimento econômico. O PAC é o mais importante projeto de desenvolvimento já feito neste País. Não tenho medo de dizer que é o mais importante, com cabeça, tronco e membro. Nós sabemos o que queremos, quando começar, quanto investir em cada área, e isso vai ter que ser feito para a educação, do mesmo jeito.

Qual é o problema que nós temos no Brasil? Eu vi aí, na porta do Instituto, algumas pessoas dizendo: “Presidente, não esqueça a nossa reivindicação, não esqueça o nosso salário”. Esse é um dado sério do Brasil, porque durante algum tempo, durante muito tempo, na verdade... Um cientista brasileiro, um alto funcionário de muita competência de um instituto de pesquisa ou do governo ganha 7, 8 mil reais por mês e é considerado marajá. Esse mesmo cidadão sai de onde ele está, ganhando 7 mil reais por mês, e vai ganhar 70 lá fora. Aí “não, é por causa de qualificação profissional”. No setor público, ele é marajá, no outro, é por competência.

Se nós não enfrentarmos essas coisas e não adquirirmos consciência de que as pessoas que sabem muito e que podem contribuir muito precisam ganhar de acordo com a sua capacidade, e que a gente não... Ou porque ganham fora, isso é que nem jogador de bola. Eu gostaria que todo jogador estivesse no Corinthians, mas como o Corinthians paga pouco, todos vão embora para o Milan (não tem nenhum do Corinthians no Milan). Mas, de qualquer forma, qual é o sonho de todo ser humano? É progredir na vida. Progredir intelectualmente, progredir socialmente, progredir financeiramente, esse é o sonho de todo mundo.

Nós, então, precisamos criar essas condições. Não é apenas fazer um investimento em pesquisa, é fazer um investimento em pesquisa e garantir que

os nossos pesquisadores possam, aqui dentro, trabalhar e, pelo seu trabalho, serem reconhecidos, porque se não for assim, o Barcelona é capaz de contratar alguns, ou sei lá quem vai contratar.

Eu estou convencido de que nós precisamos fazer uma revolução conceitual na questão da educação brasileira, porque nós já temos o século XX para saber o que nós fizemos de certo e de errado, estamos começando o século XXI, temos apenas sete anos do século XXI. Eu penso que está na hora de a gente fazer uma reversão nessa discussão, que não é uma discussão do governo. Eu disse para o Fernando Haddad nesta semana: a discussão sobre educação não vai ser do governo. O governo pode fazer um esboço, mas nós temos que envolver a sociedade para que a gente forme uma cumplicidade nacional para uma nova metodologia de ensino neste País, em que a gente possa garantir a oportunidade de a criança não ir para a escola, no ensino fundamental, atrás de uma merenda escolar, mas ir porque a escola é uma coisa prazerosa e, na escola, ela tem o interesse de aprender.

Aí vem a minha inquietação: por que o jovem de 17 anos não quer ir à escola? Será que é porque ele é ruim? Será que ele nasceu, como dizem alguns, com o sangue diferente? Ou será que a escola não é motivadora para ele? Esse é o desafio que os pesquisadores da educação vão ter que descobrir, porque ou nós fazemos essa pequena revolução que está ao nosso alcance, ou nós vamos ter que competir, cada vez mais, com um exército imenso de jovens angustiados, cheios de esperanças que, sem oportunidades, se entregarão à primeira facilidade que se colocar à sua frente.

Esse desafio, meu caro Sérgio Rezende, não é um desafio de um presidente da República, não é um desafio de um ministro, não é um desafio de um comandante da Aeronáutica, do Presidente do Instituto Nacional de Pesquisa Espacial. Esse é um desafio da sociedade para uma futura geração. Nós temos o compromisso de não permitir que continuem se acumulando os erros cometidos nesses últimos 30 anos, porque esses jovens que estão aí são o resultado do descaso das últimas três décadas. Eu, pelo menos, quero dar a contribuição para que daqui a 10 anos alguém possa, nesta tribuna, fazer o reconhecimento de que, a partir de um determinado momento, o Brasil resolveu parar e cuidar dos seus, porque senão nós não seremos o país de Primeiro Mundo que todo mundo quer ser.

Meus parabéns, e eu espero estar junto com vocês até 2009, até para ir à China, quem sabe, lançar o foguete. Um abraço.